

Ana Karla Farias

# À deriva de mim

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2023*

QUANDO EU ERA CRIANÇA brincava com minha irmã mais velha de criar narrativas. Morávamos em uma pequena casa numa região periférica da cidade, mas aquele minúsculo espaço doméstico era o nosso lugar no mundo. Como bem elucidada o filósofo Bachelard, a casa é o nosso cosmo e “protege o sonhador”<sup>1</sup>. Era lá que exercíamos um dos poucos direitos acessíveis às crianças oriundas de um lugar social de apagamento: o direito à fabulação.

Éramos crianças muito comedidas e introvertidas, instruídas numa educação cerceadora a sermos comportadas, a falar baixo, a não responder aos

---

1. Em *A Poética do Espaço* (1957), Gaston Bachelard.



adultos, a não revidar mesmo se eles forem grosseiros, a não brincar na rua, porque o mais importante era nos moldar para atender às convenções sociais destinadas às mulheres. Então, precisávamos reinventar aquela casa, já que era o nosso único lugar possível e transformá-la no nosso universo e berço da atividade criadora. De costume, minha irmã Elena, uma criança solar e brilhante, escrevia o enredo das histórias de princesas e eu que tinha mais inclinação pelo desenho as ilustrava.

Aquele limite circunscrito do lar, em que o nosso pai, o único a experienciar a vivência do espaço público do trabalho, das ruas, dos bares e da vida noturna, trancava o cadeado do portão, correspondia à nossa prisão: minha, de Elena e de nossa mãe que era dona de casa. Enquanto minha mãe exercia suas atividades laborais não remuneradas de dona de casa, eu e Elena fazíamos daquele lar o lugar da prática de escrever. Em pouco tempo, a casa deixava de ser um espaço de enclausuramento para significar o berço da minha escrita que ali germinava e pulsava vida.



Agora que estou diante do teclado do computador, tentando dar forma ao caos dos meus pensamentos para escrever essa obra com algum sentido, ao menos para preencher meus dias repletos de solidão, lembro-me de mulheres que me antecederam e ousaram escrever. Pensei muito no ensaio *Um teto todo seu* da Virginia Woolf e do quão ela foi pioneira e corajosa para lançar-se no espaço público da escrita, desvelando os caminhos do seu pensamento e se inscrevendo livremente em suas obras. Ao tomar a caneta ou a pena, ela inscreveu sobre aquelas páginas também as múltiplas subjetividades femininas, com suas dores, angústias, ancestralidade e potência. A partir da suposição de que caso Shakespeare tivesse uma irmã com a mesma imaginação vívida e talento para o ato criativo — conforme Woolf nos lembra — ela provavelmente não poderia se dedicar à sua potência criadora em razão da sua condição de ser mulher numa sociedade patriarcal e opressora, na qual é imperativo para toda mulher atender ao tripé mãe/esposa/dona de casa como único papel social possível: “O mundo não dizia para elas, como dizia para eles ‘Escreva se quiser; não faz diferença



para mim'. O mundo dizia com uma gargalhada de escárnio, 'Escrever? De que adianta você escrever?'".

Para aquela criança dos anos 90 que se refugiava nas artes a fim de escapar do embrutecimento da realidade que a cercava, escrever serviu como salvação. Era como estar imersa em uma completa escuridão e encontrar nas fissuras deixadas pela escrita um feixe luminoso. No zigue-zague mental do meu fluxo de pensamento, remeti-me também às palavras em *Escrever* da Marguerite Duras que, diante da solidão profunda da casa, encontrava na escrita uma válvula de escape daquela realidade que a esmagava: "Encontrar-se em um buraco, no fundo de um buraco, numa solidão quase total, e descobrir que só a escrita vai te salvar".

Na minha casa não havia uma estante repleta de livros e um ambiente familiar de estímulo à leitura. Meus pais estavam ocupados demais tentando ganhar a vida e pagar as contas que se acumulavam no fim de cada mês, então, não sobrava tempo para dedicar à leitura de um livro. Naquele contexto de sobreviver com uma ninharia de salário e trabalhar até a exaustão, qualquer acesso à arte e cultura era





privilégio de poucos. O que me faz pensar, neste exato instante em que escrevo, sobre como o amor pelos livros atravessou a mim e a Elena sem jamais nos abandonar?! A explicação mais plausível que consigo vislumbrar é que talvez a poesia, em nossa casa, não estivesse nos livros, mas residisse nas pessoas.

Meu pai era um homem preto muito bonito, de cabelos encaracolados, um olhar marcado por um par de grandes olhos. Ele trabalhava diuturnamente, acumulando funções de vigia noturno, garçom, zelador, o que lhe aparecesse e tivesse um retorno financeiro para custear o nosso sustento. Ainda que o cansaço físico pesasse sobre seus ombros, ele estava sempre bem-humorado e disposto a nos levar para passeios públicos ou inventar brincadeiras. Apesar de suas dores, meu pai tinha a leveza de uma brisa que toca a face de um caminhante.

Minha mãe, por sua vez, era uma mulher branca, de cabelos dourados e lisos. Em razão da educação familiar que recebera, era uma pessoa mais tolhida e de gestos comedidos. Ela mesma dizia que não gostava de sorrir, então, só me recordo de vê-la com um semblante sisudo. Sempre ocupada





com os trabalhos domésticos concernentes a cuidar de duas crianças e de uma casa, ela também se desdobrava como professora de aula de reforço. Foi a responsável por alfabetizar a mim e a Elena, de modo que quando fomos matriculadas na escola, já sabíamos ler e escrever. Além de ter alfabetizado as demais crianças de nossa geração que moravam no mesmo bairro.

Estranhamente, certas indagações me invadiram o pensamento: Por que a minha mãe não era dada a sorrir? Que dores e feridas marcavam aquele corpo de mulher, de modo a apagar-lhe um céu estrelado? Com estas palavras, estendo uma ponte e me conecto a minha mãe, tateando um lado sobre a existência dela sobre o qual nunca me importei em conhecer. Só agora percebo o quanto silenciemos e tendemos a tratar as dores e angústias das mulheres como algo banal e normal. Com minha pouca idade à época, eu não enxergava a minha mãe como mulher que carrega no corpo e na voz uma experiência dolorida. Quantas vezes, sozinha, ela deve ter berrado sem fazer qualquer ruído? Quisera eu ter tido a oportunidade de acolhê-la em um abraço e escutar seus





lamentos. Eu a teria aconselhado a gritar e verbalizar esses sintomas que lhe cavavam profundas queimaduras na pele, mas agora a toco em minhas lembranças. A noite estilhaçou de súbito, essas palavras que aqui escrevo me fazem chorar.

As manhãs eram divididas entre atividades lúdicas e de ensino-aprendizagem de leitura e escrita, como também de operações matemáticas básicas. Minha mãe começava a preparar o almoço logo cedo e entre uma pausa e outra na cozinha, trazia os livros didáticos e tabuadas. Com o rosto ardendo e a mão trêmula, eu ia esboçando no papel em branco as primeiras palavras. Elena, mais inteligente e mais esperta, assimilava as lições de primeira e me ajudava quando eu sentia dificuldade. Ela tinha um ar professoral, mas não de soberba como se diz o senso comum, e sim de uma paixão nata em compartilhar o conhecimento. Aos poucos, como um farol, Elena foi me guiando e iluminando o meu percurso ao encontro do reino mágico das palavras. Uma de nossas brincadeiras preferidas consistia em reproduzir o ambiente escolar em casa. Elena encenava sempre a professora que escrevia no quadro ou preparava





CONTATO DA AUTORA  
*anakarlacf8@gmail.com*

## LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Utopia Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em setembro de 2023.

---